**GEOROLÉ DE SABERES (NIESBF): TECENDO A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO COMPROMISSO POLÍTICO (E TEÓRICO-METODOLÓGICO) COM A BAIXADA FLUMINENSE**

Ana Carolina de Oliveira Barroso (UERJ)

Lorena Lopes Pereira Bonomo (UERJ)

O Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço da Baixada Fluminense (NIESBF) é um grupo de pesquisa e extensão da FEBF/UERJ. Destaca-se pela análise interdisciplinar do espaço (MASSEY, 2009) da Baixada Fluminense, compreendida como território periférico (SANTOS, 2002; ROCHA, 2020). Visa, em seu viés extensionista, como comunicação, (FREIRE, 1977) o diálogo com a comunidade local. Neste trabalho, apresenta-se o Georolé de saberes, evento extensionista que consiste na ocupação da Praça da Vila São Luís, com atividades educativas na perspectiva da inclusão (SILVA, 2023), dos vínculos com lugares da Baixada (BONOMO, 2023), das questões ambientais que permeiam o território (SOUZA, 2018) e dos modos de conceber contra-hegemonicamente a produção do espaço local (TAVARES, 2023). Considera-se a relevância social do compromisso colaborativo tanto da denúncia de condições de precariedade impostas à periferia quanto de anúncios de reconhecimento de potências de saberes localmente produzidos.

Palavras-Chave: Baixada Fluminense; NIESBF; extensão universitária.

**Introdução**

O trabalho em tela tem por objetivo socializar ação específica extensionista no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço da Baixada Fluminense (NIESBF). A concepção de extensão universitária a qual nos vinculamos pauta-se no pensar freireano que aponta a necessidade de rejeitamos uma verticalização das relações Universidade-sociedade, a partir da qual é unicamente na primeira que localiza-se a produção de saberes e conhecimentos, a ser apreendida e absorvida pela segunda. Como indicamos em artigo anterior

Compreender a extensão não como “conquista, assistencialismo, invasão ou manipulação”, mas como necessidade própria da Universidade para realizar sua função social em plenitude, formar qualitativamente, inserir-se de fato na sociedade que a sustenta e a qual ela serve, se traduz para Freire, de forma menos contraditória, na expressão “comunicação”. Esta entendida numa horizontalidade dialógica entre os sujeitos que educam e educam-se na medida que acionam esse processo, fundamentalmente mediatizados pela (s) realidade (s). Essa concretude, o centro na materialidade da vida, pensamos com Freire, que seja instituinte numa extensão como mão dupla. Uma concepção política que afirma ao lado de quem estamos (e não é nem das práticas assistencialistas e nem do mercado) ao produzirmos conhecimentos. Trata-se, portanto, de recolocar o próprio caráter público de tais saberes. (BONOMO, 2023, p. 110/111)

Tal concepção horizontal da extensão, que emerge do compromisso político, exige o diálogo como metodologia e invoca a mediação de uma espacialidade, uma vez que o espaço é *produto de inter-relações*, *possibilita a existência da multiplicidade*, e nunca está finalizado, permanecendo *em devir* (Massey, 2007, p. 08). A dimensão espacial da Baixada Fluminense, enquanto território, toma a centralidade de nossos estudos, uma vez que se configura como “lugar onde se realizam todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas; sendo ele o lugar onde a história do homem se realiza a partir da manifestação de sua existência” (SANTOS, 2002, p. 07).

Assim, e em acordo com Rocha (2020) tomamos a *representação-território* da Baixada Fluminense, como integrante da periferia da região metropolitana do Rio de Janeiro (p.14). E neste sentido,

Os significados atuais são múltiplos, e a Baixada está numa dinâmica de complexidade. Basta pensar que o termo que nomeia essa área é recheado de conotações. As negativas, como destacamos em outros textos (ROCHA, 2013), mas também sustentado por outros autores (SILVA, 2014, SIMÔES, 2007), é frutos de um processo de periferização urbano-metropolitano, que se constitui ao longo da segunda metade do século XX, e se caracteriza no aprofundamento das desigualdades econômicas e sociais, nos elevados índices de violência, na ineficácia das políticas públicas de acessibilidade de direitos, e na apropriação político-eleitoral de sua imagem. Tal indicação sustenta termos como “lugar distante”, de “gente pobre ou de pessoas “baixas”, “área de pobreza e exclusão”, “lugar de desova” ou “área de matador”. ROCHA, 2020, p. 14)

 Embora o autor também faça a referência a um conjunto de conotações positivadas que aparece nos contextos de aproveitamento da Baixada na *incorporação de novos espaços de consumo e produção*, confirma sua representação social hegemônica enquanto periferia, com a qual manifestamos acordo. Tomando o referencial teórico do materialismo histórico-dialético, e geográfico, o projeto compreende que as tramas socioespaciais, em sua busca pela totalidade, são entrelaçadas por interesses de classe, moldando a tessitura dos espaços que habitamos, quando as relações sociais se desdobram em configurações espaciais específicas.

É neste território periférico, em suas potencialidades e contradições, que o Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço da Baixada Fluminense (NIESBF) se localiza. O Núcleo é grupo de pesquisa registrado no CNPQ e um projeto de extensão registrado no DEPEXT UERJ. Composto por uma equipe diversificada de professores da FEBF, de profissionais de instituições de ensino superior e da educação básica, e com a participação de mais de 50 graduandos, envolve uma ampla gama de perspectivas e conhecimentos sobre a complexidade da Baixada Fluminense.

**Desenvolvimento**

Para efeito da apresentação no XII Seminário Internacional Redes Educativas e suas tecnologias, elegemos o evento extensionista intitulado como “Georolé de saberes” para aprofundamento de reflexões. Afinal, as tecnologias de vizinhança - modo geográfico de tercer convivência e solidariedade conforme enuncia o referido evento - que permeiam espaços periféricos como o da Baixada Fluminense, que se fundamentam no cuidado, na coletividade, na dimensão do público, confrontam lógicas privatistas da produção do conhecimento e do espaço. Rolé é a expressão que, pensamos, afirma o trânsito, a não interdição espacial. É o movimento circular do passeio, da volta, que mantém a conexão com o território e permite que as perguntas, que geraram ações e atividades em resposta, sejam recolocadas à disposição de todos e todas.

E o georolé é de **sabereS**. A Praça da Vila São Luís é território de ir e vir, de brincar, de religiosidade, de estudo, de trabalho formal e informal, de ócio. Ocupamos também a Praça numa espacialidade que nos possibilita reconhecermo-nos (professores, comunidade, estudantes), praticantes desse territórios, como trabalhadores e filhos/filhas de trabalhadores, como produtores de saberes, que se alimentam, que se reinventam nos contornos dialógicos do encontro com a Universidade. No entanto, essa diversidade muitas vezes permanece oculta devido à falta de visibilidade e valorização dos saberes locais.

O ocupar a praça não é apenas uma oportunidade para os estudantes apresentarem seus trabalhos, mas também um espaço para interação com a comunidade local, promovendo um diálogo entre saberes acadêmicos e populares. Essa interação é essencial para a construção de um conhecimento geográfico que seja não apenas teórico, mas *práxis*, desempenhando um papel crucial na divulgação científica e na democratização do conhecimento.

No contexto do Georolé de Saberes, diversos projetos de pesquisa são colocados à apreciação, cada um com suas especificidades e abordagens metodológicas. A seguir, apresentamos um breve panorama sobre alguns dos projetos de pesquisa que são expostos no evento.

O Ateliê de Geografia das Infâncias da Baixada Fluminense (CRIAS), articula pedagogia-Geografia com a finalidade de (re)pensar e desenvolver metodologias e estratégias inovadoras de aprendizagem geográfica nos anos iniciais do ensino fundamental (BONOMO, 2023). Contando com cerca de 22 participantes, o CRIAS compartilha no Georolé jogos de memória e de tabuleiro com patrimônios locais para vislumbrar sua aplicabilidade, acolher sugestões, ouvir as memórias da comunidade local que atribuem significados afetivos à lugares e paisagens compartilhadas.

O Laboratório de Ensino Inclusivo de Geografia (LEINGEO), tem como principal objetivo desenvolver e implementar recursos educacionais que facilitem o ensino de geografia para estudantes com baixa visão e cegueira. Reconhecendo a importância da inclusão e da acessibilidade no ambiente educacional, este projeto visa criar materiais didáticos que atendam às necessidades específicas desses alunos, garantindo-lhes uma educação de qualidade e igualitária (SILVA, 2023). Compõe o georolé de saberes apresentando materiais como como mapas táteis, materiais com relevos, maquetes, e projetos de aplicativos interativos com descrições auditivas, desenvolvidos a partir de convênio com escolas da Rede Municpal de Educação de Duque de Caxias.

A Biblioteca Virtual do Meio Ambiente da Baixada Fluminense tem o objetivo principal de disponibilizar trabalhos e pesquisas acadêmicas sobre questões socioambientais que permeiam a Baixada Fluminense. Trata-se de uma importante ferramenta virtual para a comunidade se informar e enfrentar de maneira mais consciente e crítica, os problemas ambientais que a cercam principalmente no campo da Educação ambiental no que diz respeito aos processos históricos que resultaram em mudanças no ambiente local (SOUZA, 2023). O grupo leva para a praça suas diversas práticas e pesquisas voltadas para a Baixada Fluminense, convidando os ouvintes a compreenderem aspectos do cotidiano de forma visual e simples, como enchentes, acúmulo de lixo e localização geoespacial no território da Baixada.

Territórios, epistemologias y ambientes (TEYAS) é um projeto que tem como objetivo elaborar propostas de mediação pedagógica para analisar os diferentes usos sociais da natureza no espaço-tempo da Baixada Fluminense, os imaginários a respeito da natureza, as implicações concretas e elabora situações de aprendizagem voltadas à construção do conceito de ambiente em sala de aula (TAVARES, 2023). No georolé de saberes apresentou um protótipo do jogo “Trilha Ambiental”, que pretende ser um recurso didático-pedagógico para o desenvolvimento de raciocínios geográficos integradores da relação natureza/sociedade a partir de uma experiência com estudantes do sexto ano de uma escola estadual de Duque de Caxias-RJ.

Esse panorama de projetos exemplifica a diversidade de temas e abordagens presentes no Georolé de Saberes, demonstrando a riqueza e a importância da pesquisa geográfica e da extensão universitária para a compreensão e a melhoria das condições de vida na Baixada Fluminense.

**Conclusão**

No Georolé de saberes tecemos com a comunidade da Vila São Luis, os fios do conhecimento, numa trama densa e vibrante, em busca de compreensões e transformações em nossa realidade compartilhada. Os propósitos do NIESBF convergem para a formação docente nas licenciaturas, alinhando-se às discussões sobre a curricularização da extensão, sublinhando o fundamento da responsabilidade com o horizonte de justiça social e das lutas pelo desenvolvimento integral da região e da comunidade acadêmica.

As atividades narradas neste procuraram refletir um posicionamento na perspectiva colaboradora que mira a denúncia de condições de precariedade impostas à periferia, par e passo com os anúncios de reconhecimento de potências e saberes locais produzidos e o fortalecimento dos laços entre a universidade e a sociedade.

**Referências**

BONOMO, L [Org.] Compreender pelo espaço e com crianças: saberes em diálogo para aprender e ensinar geografia nos anos iniciais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

BONOMO, L. Núcleo Interdisciplinar de Estudos do Espaço da Baixada Fluminense. Projeto de Extensão, 2023. In: Uerj/SR3 – Sub-Reitoria de Extensão e Cultura / Departamento de Extensão, Rio de Janeiro, 2024.

FREIRE, P. Extensão ou comunicação? São Paulo; Paz e Terra, 1977.

MASSEY, D., & KEYNES, M. (2009). Filosofia e política da espacialidade: Algumas considerações. *GEOgraphia*, *6*(12). Disponível em: https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.v6i12.a13477. Acesso em 15 de mai. 2024.

ROCHA, A. Baixada Fluminense - representações entre o desenvolvimento, a violência e o descaso. In: ROCHA, A. (Org) Baixada Fluminense: estudos contemporâneos e (re)descobertas históricogeográficas. Duque de Caxias: ASAMIH. 2020.

SANTOS, M. (2002). Território e Dinheiro. *GEOgraphia* - Revista  do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense. vol. 1, nº 1. Rio de Janeiro, p.17–38. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/viewArticle/2> Acesso em 20 de mai. 2024.

SILVA, V. Pensando a inclusão no ensino de Geografia: alguns caminhos tateados no Laboratório de Ensino Inclusivo de Geografia da FEBF/UERJ. *In.* BONOMO, L [Org.].Compreender pelo espaço e com crianças: saberes em diálogo para aprender e ensinar geografia nos anos iniciais. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

SOUZA, A. Biblioteca Virtual Jovem da Baixada Fluminense: Caminhos da Educação Ambiental, do Ensino de Geografia e Meio Ambiente. Projeto de extensão, 2018. In: UERJ/SR3 – Sub-Reitoria de Extensão e Cultura / Departamento de Extensão, Rio de Janeiro, 2024.

TAVARES, F. Horta comunitária da FEBF: a construção do Comum a partir da Agroecologia em espaços urbanos. Projeto de extensão, 2023. In: UERJ/SR3 – Sub-Reitoria de Extensão e Cultura / Departamento de Extensão, Rio de Janeiro, 2024.